

## Terapia Midiática: Um lugar entre a produção e recepção de *Sessão de Terapia*<sup>1</sup>

Heitor Leal Machado<sup>2</sup>  
Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

O artigo apresenta o percurso metodológico e os resultados alcançados no estudo da série *Sessão de Terapia* (2012-2014), o qual narra a vida e o trabalho do terapeuta Theo Cecatto (Zécarlos Machado). Utilizando como inspiração as dimensões teórico-metodológicas da Análise Televisual associadas a um estudo de recepção, considera-se a mídia uma parte irredutível da sociedade, da cultura e da experiência moderna, de maneira que até mesmo as mais íntimas emoções e desejos das audiências podem ser vivenciados no ambiente midiático. Tal interação resulta na criação de fortes vínculos emocionais, inclusive em um processo aqui chamado de Terapia Midiática, capaz de alterar as maneiras de sentir e perceber a vida.

**Palavras-chave:** Sessão de Terapia; Televisão; Ficção Seriada; Audiências.

O teaser da temporada anuncia: “O que está por trás das palavras, dos gestos, do que não é dito? Todas as noites, um terapeuta procura desvendar os segredos e os dilemas de seus pacientes”<sup>3</sup>. A narração na voz do diretor Selton Mello sintetiza a proposta de *Sessão de Terapia* (2012-2014), seriado adaptado de uma produção original israelense que ganhou diferentes versões<sup>4</sup>. Ao longo de sua exibição, a produção brasileira recebeu elogios da crítica<sup>5</sup> e reuniu um público bastante fiel, que muitas vezes “fazia terapia” ao assistir o desvelar dos segredos dos quatro pacientes das temporadas, um em cada dia da semana, e do próprio terapeuta Theo Cecatto (Zécarlos Machado), que no 5º episódio semanal se tornava o próprio paciente ao realizar sessões de terapia com sua supervisora Dora (Selma Egrei).

Com um formato singular, cujo enredo se desenvolve “num consultório de psicanálise”<sup>6</sup>, *Sessão de Terapia* buscou mimetizar uma sessão terapêutica, oferecendo ao telespectador um programa com potencial de questionar e “reorganizar” a consciência e identidade do sujeito através de uma experiência de ordem sensível, como propõe a própria psicanálise (SODRÉ, 2006, p. 37). Assim, considerando as atuais dinâmicas de comunicação

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ, email: heitorlmachado@gmail.com.

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://gnt.globo.com/series/sessao-de-terapia/videos/3375265.htm>>. Acesso em: 06 de jul. 2016.

<sup>4</sup> *BeTipul* (2005-2008) foi criada pelo produtor, diretor, roteirista e também terapeuta Hagai Levi. Posteriormente, o formato foi adaptado em muitos países, como Argentina, Rússia, Japão e Itália. A versão norte-americana é a mais famosa; *In Treatment* (2008-2010) foi produzida pela HBO e ganhou alguns prêmios da indústria.

<sup>5</sup> *CRÍTICA*: ‘Sessão de terapia’: muitos acertos. Disponível em: < <http://migre.me/um4OP>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

<sup>6</sup> Sobre a série: Ambientada num consultório de psicanálise, a série de ficção acompanha o dia a dia profissional e pessoal do terapeuta Theo, interpretado por Zécarlos Machado. Disponível em: <<http://migre.me/ooSz0>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

e a mídia como parte irredutível dos processos socioculturais (SODRÉ, 2002, 2006; DEUZE, 2012; COULDRY, 2012), assume-se que mídia e vida estão interligadas de maneira tão expressiva que até mesmo alguma das experiências emocionais mais íntimas, como sessões de terapia, podem ser realizadas no ambiente midiático. Tal processo de interação entre uma obra e sua audiência, aqui chamado de Terapia Midiática, resulta na criação de fortes vínculos emocionais que alteram as maneiras de perceber e sentir a vida.

Neste trabalho, apresentamos o percurso metodológico e os resultados alcançados através de um estudo da 3ª temporada do seriado *Sessão de Terapia* (2012-2014), desenvolvido primeiramente como uma dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. Propondo uma reflexão sobre as formas de organização dos sentimentos nas relações estabelecidas entre a produção e o consumo dos conteúdos televisivos, a pesquisa combinou uma Análise Televisual (BECKER, 2012, 2014) dos últimos 35 episódios da série a um estudo de recepção, feito a partir dos comentários compartilhados pelo público na página oficial do Facebook<sup>7</sup> entre 04 de agosto e 21 de setembro de 2014, período em que foi exibida pelo canal pago GNT.

### **Mídia e cultura terapêutica**

Se diversas experiências sociais, culturais e afetivas são vivenciadas na mídia, podemos também crer em um espaço midiático que privilegia as práticas terapêuticas, corroborando com as percepções de Furedi (2004) e Illouz (2003, 2008) sobre a cultura terapêutica, característica da contemporaneidade que reflete a influência de tal ethos na formação de uma imaginação cultural que prioriza determinadas formas de trabalhar a emoção e a subjetividade em prol de um bem-estar individual.

Antes circunscrito apenas aos consultórios especializados, hoje o terapêutico se encontra presente e diluído em diversas áreas da ação humana. Se colocando entre o científico e a cultura de elite e popular, esta prática discursiva conformou um léxico capaz de significar e organizar a experiência dos indivíduos, de maneira que expressões como stress, trauma, autoestima e ansiedade já são corriqueiras e utilizadas para designar inúmeras perturbações de ordem psíquica (FUREDI, 2004). Expandido, o terapêutico se tornou uma forma particular de pensar que molda uma série de “percepções públicas sobre uma variedade de questões” (FUREDI, 2004, p. 22). Por este motivo, podemos afirmar que o terapêutico é, em síntese, todo o “corpo de afirmações proferidas por psicólogos certificados” e o conjunto de textos,

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/SessaoDeTerapia>>.

por meio dos quais psicólogos ou terapeutas aparecem e desempenham um papel social (ILLOUZ, 2008, p. 15). Na mídia, sua presença pode ser percebida em muitos gêneros e formatos, incluindo os filmes de Woody Allen (ILLOUZ, 2008), passando pelo jornalismo de autoajuda (FREIRE FILHO, 2011) e por *talk shows* como *The Oprah Winfrey Show* (ILLOUZ, 2003) e *Casos de Família* (FREIRE FILHO; CASTELLANO; FRAGA, 2008).

Assim, para melhor identificar como o terapêutico atravessa a produção e a recepção de *Sessão de Terapia*, foram definidas suas quatro principais características a partir das contribuições de Furedi (2004), Freire Filho (2010, 2011), Illouz (2003, 2008), Campanella e Castellano (2015). São elas: 1) Verbalização do diálogo, pois o discurso terapêutico redefine as maneiras de comunicar e introduz um modelo de comportamento marcado pela comunicação verbal; 2) Ordem da felicidade, marca da cultura terapêutica que sugere aos indivíduos uma nova noção de bens imateriais, como o bem-estar e a felicidade; 3) Sugestão de autoajuda, prática discursiva que valoriza a saúde emocional como bem imaterial. No entanto, enunciações de especialistas - médicos, psicólogos e psicanalistas - são utilizadas na mídia como espécie de receituário constituído por instruções sobre o que é saudável, aceito ou não pela sociedade; 4) Publicização da intimidade, característica que desloca a intimidade dos indivíduos do espaço privado para o público. Narrar e problematizar a vida cotidiana se torna uma prática social bastante comum, especialmente no ambiente midiático.

Estes aspectos da cultura terapêutica costumam induzir o indivíduo a organizar suas próprias emoções, agir e interpretar o mundo com o objetivo de superar suas dificuldades e alcançar um ideal de felicidade. Já instituído como parte do senso-comum, isto é, do que é social, cultural e institucionalmente aceito (SILVERSTONE, 2002), o terapêutico apresenta nuances que podem passar despercebidas no decorrer das práticas discursivas midiáticas, as quais sugerem o bem-estar individual como parte do imaginário coletivo contemporâneo.

Nesse contexto, a televisão desempenha um papel muito importante, pois acentua estas marcas através de combinações de códigos verbais e não-verbais. Na teledramaturgia, o terapêutico surge com frequência, principalmente através da incorporação de consultores e especialistas na elaboração de tais conteúdos<sup>8</sup>. Nas telenovelas, por exemplo, costumam inserir os mais variados transtornos psiquiátricos em suas narrativas, embora nem sempre a audiência se comporte em acordo com as expectativas dos produtores<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> *Especialista em Serial Killers, Ilana Casoy é inspiração para Luana Piovani em nova série da Globo*. Disponível em: <<http://migre.me/s4GWQ>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

<sup>9</sup> Em *Passione* (2010), o autor Silvio de Abreu introduziu na trama Gerson (Marcello Antony), uma personagem com um segredo indizível: era um voyeur, viciado em observar práticas sexuais pouco convencionais. O segredo foi desvelado pelo seu psiquiatra, Dr. Flávio Gikovate, um profissional da vida real convidado pelo autor que, “além de imprimir grande

Com uma linguagem singular, *Sessão de Terapia* repercutiu de maneira muito positiva frente às audiências; afinal, não são apenas as formas de produzir e circular que variam e se transformam, mas também as formas de ler o conteúdo televisivo. O seriado acabou por estabelecer uma relação muito estreita com sua audiência, a qual, por sua vez, também buscava uma determinada experiência com a televisão. Certamente a série se propôs a entreter o público, mas, além disso, ofereceu um ambiente para solucionar conflitos internos, ainda que em sintonia com a cultura terapêutica que permeia a experiência contemporânea. Como veremos a seguir, através do consumo de um produto televisivo e de diferentes processos de interação, estes indivíduos puderam estabelecer um tipo de contato afetivo que, segundo os próprios, ajudou na resolução de diversas questões de foro íntimo, operando como uma espécie de terapia pela TV.

### **Uma Análise Televisual de *Sessão de Terapia***

Nesta etapa, buscou-se identificar as principais características de linguagem de *Sessão de Terapia*, assim como seus modos de construir sentidos sobre a vida social. Para isso, buscou-se inspiração na Análise Televisual (AT), metodologia desenvolvida pela professora e pesquisadora Beatriz Becker, a qual auxilia a compreender e interpretar os sentidos dos textos audiovisuais, construídos pelas combinações de diferentes códigos e estratégias enunciativas (BECKER, 2012, 2014). Reunindo referências da Análise do Discurso<sup>10</sup>, dos Estudos Culturais e da *Media Literacy*, a Análise Televisual se desenvolve em três etapas distintas e complementares: a descrição ou contextualização das condições de produção da obra audiovisual a ser analisada, a análise televisual e a interpretação dos resultados. A segunda fase, a Análise Televisual propriamente dita, compreende uma análise quantitativa e outra qualitativa, em que se aplicam seis categorias básicas e três princípios de enunciação.

As seis categorias da análise quantitativa são: Estrutura do Texto, que avalia os elementos que compõem o texto audiovisual; Temática, referente às discussões privilegiadas

---

verdade nas cenas, ainda traz um olhar diferente que não acredito que um ator pudesse trazer”. Tal revelação, no entanto, decepcionou o público e a crítica, provocando reclamações e piadas na web. Mais em: “*Passione*” leva divã de psiquiatra para centro da história. Disponível em: <<http://migre.me/s4H5F>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

<sup>10</sup> Em acordo com as contribuições da Semiologia dos Discursos Sociais, três postulados servem como guia relevante na AT: o da Semiose Infinita, o da Economia Política do Significante e o da Heterogeneidade Enunciativa (PINTO, 1995 apud BECKER, 2012). O postulado da Semiose Infinita pressupõe que todos os acontecimentos sociais resultam em produção de sentidos e que todo produto cultural é um discurso. O segundo postulado, o da Economia Política do Significante, tem origem na Antropologia e considera os acontecimentos culturais através da lógica de produção, circulação e consumo, formando um mercado simbólico em que a construção de sentido dominante acontece no e pelo discurso. Finalmente, o postulado da Heterogeneidade Enunciativa auxilia a relativizar “o poder da mídia frente à hegemonia do receptor, ao propor que todo o discurso é composto por inúmeras vozes, cuja consciência e controle o enunciativo só detém parcialmente” (BECKER, 2012, p. 240).

nesse mesmo texto; Enunciadores, para identificar os atores sociais e como estes atribuem sentido à narrativa; Visualidade, que possibilita "ler" as imagens e analisar a composição do cenário, figurinos e demais recursos gráficos; Som, correspondente às trilhas, os ruídos e demais elementos sonoros; e Edição, que compreende a forma como o texto audiovisual é montado.

Já a análise qualitativa é baseada em três princípios de enunciação; o primeiro, a Fragmentação, corresponde ao caráter de toda a programação televisiva, sempre organizada em blocos dispersos pela grade. O segundo princípio, a Dramatização, avalia a presença em maior ou menor grau da matriz melodramática, que envolve emocionalmente o telespectador através do uso de determinadas técnicas e recursos audiovisuais. O terceiro e último é a Definição de Identidades e Valores, que identifica como o produto audiovisual julga e qualifica determinados problemas e conflitos locais e globais (BECKER, 2012, p. 244). A Análise Televisual contou, ainda, com o auxílio das características do discurso terapêutico previamente apresentadas e com as contribuições do Obitel Brasil/UFSCar, coordenado por João Massarolo e Dario Mesquita, que também explorou a recepção da última temporada de *Sessão de Terapia*.

O seriado, produzido por Roberto D'Ávila, teve 115 episódios sem intervalos comerciais<sup>11</sup>, organizados em três temporadas veiculadas pelo GNT, canal da Globosat com direcionamento para o público feminino. Durante o período de exibição, o programa foi ao ar de segunda à sexta-feira, às 22h30, com reprise aos sábados e domingos em forma de maratona, e era também disponibilizado na plataforma<sup>12</sup> de tv-everywhere do Canal, o GNT Play<sup>13</sup>. Como a pesquisa também se propôs a investigar o processo de recepção da obra a partir dos comentários publicados no Facebook, fez-se apenas a Análise Televisual da 3ª e última temporada, exibida entre 04 de agosto e 21 de setembro de 2014.

Uma novidade desta temporada de *Sessão de Terapia* foi seu roteiro totalmente inédito, posteriormente incorporado ao formato narrativo do seriado, se tornando uma franquia de mídia (MASSAROLO et al., 2015, p. 159). Por questões culturais e de audiência, a produção local deu ênfase à relação familiar de Theo fazendo “uma adaptação bastante agressiva, no sentido de transformar os personagens e a literatura em personagens brasileiros, uma coisa que fale com o nosso público” (D'AVILA, 2015 apud MASSAROLO et al., 2015,

<sup>11</sup> Apesar da ausência de comerciais, o programa era patrocinado por algumas empresas, como a Vivo, Nívea e Unilever.

<sup>12</sup> De acordo com Pratten (2011, p. 28 apud FECHINE et al., 2013, p. 28) as plataformas designam a união de uma certa mídia com determinada tecnologia.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/gnt/>>.

p. 158). Esta diferença é perceptível quando se compara a versão brasileira e a americana, na qual, por exemplo, os filhos do terapeuta Paul Weston (David Byrne) pouco aparecem.

O enredo dá continuidade aos acontecimentos das temporadas anteriores e traz personagens conhecidas pelo público. Já divorciado, Theo finalmente tira um pequeno período de férias para realizar o sonho de velejar e retorna decidido a continuar sua prática clínica e se reaproximar dos três filhos e do irmão. No entanto, o terapeuta descobre por sua filha Malu (Mayara Constantino) que Rafael (Johnnas Olivas), seu filho mais velho, está passando por problemas com drogas.

Como nas temporadas anteriores, cada dia da semana é dedicado a um novo paciente. As segundas-feiras, Theo atende Bianca (Letícia Sabatella), que relata uma vida de sofrimento marcada pela violência do marido, Tadeu (Nicolas Trevijano). O enredo sofre uma virada a partir da revelação de que Bianca é, na verdade, portadora de um transtorno psiquiátrico. As terças são de Diego, levado ao consultório por Neusa (Ondina Clais Castilho), uma espécie de governanta que o criou após a morte de sua mãe. De família rica, Diego é criativo e inteligente, mas começa a beber para chamar a atenção do pai, Frederico (Marco Antônio Pamio), que possui outra família e desconfia de sua própria paternidade.

Felipe, o paciente das quartas-feiras, é também de família rica e único herdeiro de uma grande empresa, administrada por Carmen, mulher poderosa que controla a vida do filho. Felipe está noivo de Nicole, mas vive há 3 anos um relacionamento homossexual com Guto (Rafael Primot), veterinário de origem humilde. Milena, às quintas, é uma personagem conhecida do público; viúva de Breno, personagem da 1ª temporada, ela procura Theo de forma despreziosa, mas depois se revela portadora de um raro TOC mental.

Às sextas-feiras, diferente das outras temporadas, Theo faz uma supervisão em grupo coordenada por Evandro (Fernando Eiras), um psicólogo famoso que está no Brasil para dar um curso na USP. Ele convida, além de Theo, Guilherme (Celso Frateschi), psicólogo e escritor famoso conhecido de Theo da faculdade, e Rita (Camila Pitanga), terapeuta jovem e renomada que trabalha na clínica de Guilherme, mas está insatisfeita com o trabalho e com o relacionamento dos dois, mantido em segredo e revelado ao longo das supervisões. No meio da temporada o grupo é desfeito, e Theo retorna para três últimas sessões com Dora, enquanto se envolve romanticamente com Rita, agora solteira.

Para a análise dos 35 episódios da temporada, utilizou-se a plataforma oficial do canal, o GNT Play, parte do Globosat Play, serviço oferecido aos assinantes da Globosat nas



operadoras NET, GVT, Claro, Algar Telecom, Oi TVHD, Vivo, Sky e Multiplay<sup>14</sup>. A plataforma é indicada pela própria página no seriado no Facebook, além de ser muito simples e capaz de contabilizar o número preciso de visualizações<sup>15</sup>.

Seguindo o percurso metodológico proposto, concluiu-se que toda a linguagem de *Sessão de Terapia* é simples e, ao mesmo tempo, bastante complexa. Através das marcas da superfície do texto televisivo, observou-se como o simular do processo terapêutico é sugerido ao público; uma intencionalidade percebida na própria regularidade diária do seriado, que simula o pacto terapêutico entre Theo e seus pacientes através do poder organizacional da TV. A cada episódio, são articuladas diferentes instâncias narrativas, pois cada paciente possui um arco independente, enquanto os acontecimentos da vida pessoal do terapeuta estabelecem o núcleo evolutivo que une os episódios ao longo das temporadas.

Com episódios de mais ou menos 25 minutos, *Sessão de Terapia* não possui intervalos comerciais e se constitui pelos blocos de recapitulação, introito, abertura, sessão de terapia e créditos. Seu texto é sempre orientado pela repetição de acontecimentos anteriores relatados pelos pacientes em relação aos acontecimentos presentes, que podem ou não se desenrolar dentro do consultório de Theo. Com isso, a série incorpora elementos dos seriados e das telenovelas, pois são raras as elipses, *flashbacks* ou *flashforwards*, e tudo se desenvolve em sequencia cronológica. Embora bastante linear, a narrativa do seriado é também fragmentada, pois as sessões dos pacientes desenvolvem seus próprios arcos, que influenciam de forma mais ou menos relativa o núcleo evolutivo; no caso, a vida de Theo. Esse caráter fragmentado se revela, principalmente, na construção de arcos narrativos independentes em um dia específico da semana, que possibilita o telespectador a acompanhar apenas um paciente sem a necessidade de assistir a todos os episódios (MASSAROLO, et al., 2015).

Como toda a estrutura textual do seriado é organizada a partir dos diálogos entre as personagens, isso o torna extremamente verbal, em acordo com as marcas do discurso terapêutico já sistematizadas. Há, ainda, uma grande multiplicidade de enunciadores, pois ao longo da temporada são introduzidas personagens apenas citadas pelos pacientes, como Guto, namorado de Felipe ou Tadeu, marido de Bianca, o que torna o elenco e as vozes mais plurais.

---

<sup>14</sup> O Globosat Play também pode ser acessado por computadores, aplicativos para dispositivos móveis, *Smart TVs* Panasonic e consoles de videogame (Xbox 360 e Xbox One).

<sup>15</sup> Para assegurar a ausência de discrepâncias entre o conteúdo exibido na televisão e aquele disponibilizado na plataforma, foram selecionados os 5 últimos episódios da temporada que, quando comparados, não apresentaram nenhuma diferença, mantendo as mesmas características da exibição original televisiva, embora seja preciso reconhecer que estas novas plataformas, mesmo facilitando os estudos televisivos, não permitem perceber as variações da exibição original, como é o caso do episódio 13, exibido em 20 de agosto de 2014. O episódio seria de Felipe, mas por um erro de programação foi exibido o episódio do dia seguinte, de Milena.

Mesmo assim, tudo é sempre organizado pelas vozes dos especialistas, pois nesse jogo há um recorte preciso das posições discursivas, que colocam o terapêutico como solução. Por outro lado, há também a indicação de uma forte presença do outro nas práticas discursivas das personagens, pois Theo, mesmo como especialista, não pode lidar com seus próprios conflitos e emoções sem a ajuda de Dora ou outro terapeuta que supervisione sua prática, sempre no limiar do que um profissional pode ou não fazer em determinadas situações.

Mesmo abordando uma série de temas, esta temporada de *Sessão de Terapia* se alterna entre quatro núcleos temáticos diferentes: Prática Terapêutica, Transtornos Psiquiátricos, Família e Homossexualidade. O primeiro é o basilar, responsável por definir a estrutura e o enquadramento do seriado, que representa os acontecimentos de uma suposta sessão de terapia. Relatos, falas, repetições, lembranças e interpretações estruturam o “miolo” do episódio, guiado pelo jogo discursivo entre especialista e paciente. Escancarando a intimidade do consultório de terapia, o roteiro associa diversas referências a psicologia, como o Complexo de Édipo, e críticas a própria prática terapêutica, sempre como forma de legitimação. Já os Transtornos Psiquiátricos, por sua vez, refletem os casos abordados na temporada, como o TOC de Milena, o Transtorno de Personalidade Limítrofe de Bianca, o alcoolismo de Diego e o vício de Rafael, que chega a ser internado e problematiza a questão da internação nos casos de dependência química. A terceira temática, Família, é também bastante importante, pois todos os arcos revolvem o seio de famílias de classe média. Além disso, Theo deve não só atuar como especialista, mas também como pai, se equilibrando entre a vida profissional e familiar, as quais se desenrolam em um mesmo espaço simbólico. A última temática, Homossexualidade, se vincula diretamente à trama de Felipe, que vive um dilema entre o relacionamento com Guto, sua família rica e um casamento orquestrado por sua mãe.

A estética de *Sessão de Terapia* é amparada por recursos visuais que conotam seriedade e conferem uma certa credibilidade ao especialista. Visualmente, é um seriado de cores sóbrias e raras externas, com figurinos que acompanham o perfil das personagens, que os identificam como pessoas de grupos sociais economicamente favorecidos, de classes média ou alta. Enquanto isso, o texto é construído através de planos, contra-planos e closes, com movimentos pontuais que aproveitam a profundidade de campo oferecida pelo cenário. Por sua vez, o som deixa a desejar<sup>16</sup>; algumas vezes as vozes parecem abafadas ou entram

---

<sup>16</sup> O GNT Play não oferece legendas aos usuários, impossibilitando a assistência do seriado por deficientes auditivos. Pode ser que a exibição original, na TV, oferecesse *Closed Caption* aos telespectadores, mas um comentário publicado em 2012 por Malu Dini, antes da estreia do programa, indica que, à época, o serviço não era oferecido. A espectadora diz que: “Eu



em conflito com a trilha sonora, composta por Plínio Profeta. Em geral, o ritmo do seriado é lento; assim, consegue-se subverter o rápido fluxo televisual para oferecer à audiência um momento de reflexão sobre a própria experiência.

Nota-se, com frequência, a presença da matriz melodramática na construção do texto. Todas as narrativas giram em torno de conflitos familiares e a série oferece uma percepção do comportamento humano ancorado em uma perspectiva terapêutica polarizada onde o que está em jogo é o saudável ou não. O excesso, um dos recursos do melodrama mais atribuído às novelas, é mascarado pelo formato do programa, que convalida o transbordar das emoções e torna o consultório de Theo em um espaço legítimo para o aflorar das emoções enquanto critica a própria cultura terapêutica. O seriado explicita como define seus valores reproduzindo em seu enredo certas noções que qualificam a família e a experiência contemporânea, mas o texto normativo e amoral promove a ordem da felicidade e oferece sugestões ao público através de uma linguagem pedagógica capaz de ser entendida por ampla maioria e que reforça o saudável ou não através de demarcações dos limites da normalidade.

Enfim, todas as narrativas revolvem o seio de famílias de classe média e a ênfase nas emoções não dá margem para que questões econômicas, sociais e de representatividade sejam abordadas. Rita, por exemplo, é a única personagem negra da temporada, enquanto Felipe se encaixa no padrão ideal de homossexual: jovem, branco, intelectualizado, bonito e de classe média, características que nem todos os indivíduos gays possuem e que podem promover discriminações (BENÍTEZ, 2007, p. 135). Tal perfil reforça que, para ser aceito pela sociedade, o homossexual deve atender à determinados padrões de beleza, inclusive para despertar o desejo e o interesse da audiência<sup>17</sup>. Com isso, o seriado não aproveita seu próprio potencial crítico e político para promover maiores debates sobre temas ainda mais controversos e necessários, como a legalização das drogas e a identidade de gênero. Ou seja, há uma limitação nas contextualizações dos problemas tratados, pois tudo é interpretado e solucionado pela prática terapêutica.

Contudo, nesse contexto, *Sessão de Terapia* não deixa de ser um programa televisivo de vanguarda, pois incorpora elementos distintos e os articula através de uma linguagem

---

estou ansiosa pra ver esta série! Vi a première na GNT e estão de parabéns pela direção! A única coisa que me deixa receosa é que eu sou deficiente auditiva e necessito de legenda para entender - minha paixão por séries internacionais veio por meio das legendas, já que foi a única forma de compreendê-las. Gostaria de saber se terá a opção de ativar o *Closed Caption* no seriado. Obrigada!?. A página não respondeu o comentário. O site Crônicas da Surdez publicou também, em 2011, uma reclamação sobre a ausência do serviço no canal. Disponível em: <<http://cronicasdasurdez.com/falta-de-legendaclosed-caption-no-gnt-e-na-rbstv/>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

<sup>17</sup> *Gays de Império são os homens mais desejados pelas mulheres, diz autor*. Disponível em: <<http://migre.me/s4LqX>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

relativamente inovadora, que subverte o ritmo acelerado e fragmentado da TV para propor momentos de reflexão para o público. A recusa de alguns artifícios da linguagem televisual, como o *flashback*, exige que todo o texto seja sustentado pelos diálogos das personagens.

Através da Análise Televisual, foi possível desconstruir os complexos códigos verbais e não-verbais que caracterizam os modos de dizer de *Sessão de Terapia*, um seriado no qual as palavras são tão impactantes quanto as imagens. Constatou-se, assim, que a obra se esforça em oferecer ao telespectador uma Terapia Midiática; isto é, um processo comunicativo que busca simular o contrato de prática terapêutica *na e pela* mídia, sugerindo ao espectador uma organização emocional capaz de promover o gerenciamento das emoções para alcançar a felicidade e o bem-estar, e que, ao mesmo tempo, também padroniza certas condutas e práticas sociais. Assim, para melhor compreender como isto acontece, foi preciso investigar também como o público percebe e interage com o seriado.

### **Um estudo de recepção/interação**

Antes do estudo de recepção, fez-se uma breve análise dos índices de audiência utilizando notícias<sup>18</sup> e informações coletadas pelo Obitel/UFSCar, pois o GNT não divulga os números oficiais. Já no GNT Play, foi possível contabilizar aproximadamente 140 mil views, algo em torno de 2 pontos no Ibope<sup>19</sup>. O primeiro episódio, de Bianca, teve mais visualizações individuais, o que de acordo com os pesquisadores pode indicar o uso da plataforma pela audiência para construir sua própria narrativa e acompanhar os arcos dos pacientes favoritos de forma independente (MASSAROLO et al., 2015, p. 168-169).

Porém, uma análise isolada das visualizações aponta que apenas o 1º episódio da temporada possui um número maior de *views*, em torno de 16 mil, enquanto todos os outros 34 episódios possuem entre 3 a 6 mil, indicando que mais usuários assistiram apenas à estreia, e não necessariamente acompanharam ou fragmentaram a estrutura episódica do seriado. Nesse cenário de fragmentação, isso revela como os indicadores atuais para medir as audiências são insuficientes (BECKER; MACHADO, 2008; MASSAROLO et al., 2015), o que exige a flexibilização de propostas teórico-metodológicas capazes de auxiliar nos estudos de recepção no ambiente transmídia.

Desse modo, a pesquisa escolheu a página oficial do *Sessão de Terapia* no Facebook

<sup>18</sup> “*Sessão de Terapia*” deve ganhar quarta temporada no GNT. Disponível em <<http://migre.me/r8K19>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

<sup>19</sup> Em 2015, 1 ponto no Ibope da TV aberta equivalia a, aproximadamente, 67 mil domicílios na Grande São Paulo. Disponível em: <<http://migre.me/solwK>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

pois este foi um dos poucos espaços de maior interação entre o público e a obra, embora sempre por certas opções pré-determinadas, como curtir, compartilhar ou comentar, atividade que exige uma mínima produção discursiva<sup>20</sup>. Esta é uma plataforma bastante complexa, pensada por seus desenvolvedores como uma rede de informação com grande potencial comercial, mas compreendido por seus usuários como uma rede social. E, apesar de apresentar discrepâncias entre os números de comentários mostrados e coletados, foi nela onde se constatou maior interação do público com o seriado, motivada também pelas publicações da própria página.

Por isso, o estudo foi dividido em dois momentos distintos: primeiro, avalia-se a circulação da série no ambiente transmidiático com a ajuda das postagens compartilhadas pela própria página para depois, a partir dos comentários coletados destas publicações, investigar como é a interação do público com a obra e como os sentidos são produzidos, circulam e são interpretados.

Nesta primeira etapa, foram utilizadas as contribuições do Obitel Brasil para analisar as 85 publicações, postadas durante período de exibição da 3ª temporada. O Observatório faz um relevante trabalho de monitoramento anual de todo o conteúdo ficcional exibido no país e desenvolveu um protocolo metodológico para investigar como as telenovelas circulam e buscam estabelecer interações com as audiências no ambiente transmidiático<sup>21</sup>. Conforme sugerido por esta metodologia, optou-se pela análise de um espaço habilitado que promove o engajamento da audiência através de determinadas estratégias de produção de conteúdos, ainda que não necessariamente ofereçam desdobramentos narrativos<sup>22</sup>. Como *Sessão de*

---

<sup>20</sup> No Facebook, a sessão de comentários de cada publicação funciona como um espaço de interação, em que um comentário pode ser curtido ou respondido inúmeras vezes pelos outros usuários ou pela própria página. Ou seja, há uma interação discursiva espontânea entre a obra, representada pela página institucional, e os múltiplos interagentes que, em maioria, fazem parte da audiência.

<sup>21</sup> A transmidiação pode ser compreendida como toda produção de sentido baseada na “reiteração, pervasividade e distribuição em distintas plataformas tecnológicas (TV, cinema, internet, celular etc.) de conteúdos associados cuja articulação está ancorada na cultura participativa estimulada pelos meios digitais” (FECHINE; FIGUEIRÔA; CIRNE, 2011, p. 27).

<sup>22</sup> Sob esta perspectiva, foram identificadas e sistematizadas 09 categorias ou estratégias de produção de conteúdos transmídias, divididas em duas grandes categorias: as estratégias de propagação e estratégias de expansão. As de propagação se desdobram em outras duas categorias: conteúdos reformatados (subdividida entre conteúdos de Antecipação, Recuperação e Remixagem) e conteúdos informativos (Contextuais ou Promocionais). As estratégias de expansão também se dividem em duas: Conteúdos de extensão textual (subdividida em Extensões narrativas e Extensões diegéticas) e Conteúdos de extensão lúdica (Extensões vivenciais ou Extensões de marca). Nesta pesquisa, identificou-se o uso de 4 dessas categorias. São elas: Antecipação, conteúdos disseminados em outras mídias/plataformas cujo objetivo é estimular o interesse dos consumidores; Recuperação, que permite o resgate de informações sobre a telenovela e até capítulos inteiros; Remixagem, conteúdos que resultam da apropriação em outro contexto e da resignificação de sequências já exibidas; Conteúdos informativos promocionais, os quais visam revelar o programa como um produto de entretenimento ao apresentar o que está fora do universo proposto. As outras categorias são: Conteúdos informativos contextuais, os quais contribuem para o entendimento do universo proposto e auxiliam na imersão ao fornecer levantamentos históricos que contextualizam a obra para a audiência; Extensões narrativas, produções narrativas complementares ou auxiliares desenvolvidas em outras mídias; Extensões diegéticas, aquelas que oferecem conteúdos adicionais que não fazem parte do mundo ficcional e, sem incidir no desenvolvimento das ações, convocam o consumidor a mergulhar no mundo diegético; Extensões vivenciais, as

*Terapia* tem poucos derivados<sup>23</sup>, identificou-se apenas 04 estratégias utilizadas, de modo que as 85 publicações postadas pela página oficial no Facebook foram classificadas entre: 37 conteúdos de antecipação, pois adiantavam ao espectador informações sobre o episódio do dia; 02 conteúdos de recuperação, que promoviam o resgate dos episódios no GNT Play; 02 remixagens, resultado da apropriação e ressignificação do conteúdo original em algo novo; e 44 conteúdos informativos promocionais, entre vídeos e fotos dos bastidores, que revelavam o seriado como um produto de entretenimento. Esta etapa preliminar permitiu pensar nas estratégias de produção dos conteúdos articuladas nas publicações e que estimularam o engajamento das audiências. Serviu, ainda, como um ponto de partida para o segundo momento do estudo, pois os comentários coletados em *printscreens* derivavam destas publicações.

Inspirada pela tipologia conduzida por Becker (2014), esta segunda etapa buscou investigar como audiência de *Sessão de Terapia* interage e produz sentidos. Assim, foram aplicadas as seguintes categorias na análise dos comentários coletados: Dúvidas, que compreende as perguntas dos interagentes<sup>24</sup>; Elogios, que se refere aos comentários mais positivos; Críticos, para classificar as enunciações mais elaboradas, incluindo as de aspecto mais negativo; Institucionais, como os comentários publicados pela própria página em resposta ao público; e Outros, categoria neutra e que indica aquilo que não se referiu ao seriado. Como a maioria dos comentários coletados eram breves ou redundantes, optou-se por trabalhar com um corpus mais volumoso, de 7920 comentários, dos quais: 362 Dúvidas; 4894 Elogios; 1527 Críticos; 32 Institucionais; e 1106 Outros.

O baixo número de enunciações por parte da produção indica um mau uso do Facebook para interagir com o público, que em muitas publicações ficava sem resposta da página. No que se refere ao alto número de Elogios, isso pode ser justificado porque, de acordo com Lopes (2011), estes espaços de interação costumam avaliar a obra positivamente a fim de evitar maiores discordâncias. Já os comentários Críticos foram muito relevantes, e apesar de raros os comentários puramente negativos, todos apontavam diversos aspectos interessantes sobre o seriado.

Não foram avaliados os dados referenciais das audiências, mas pode-se perceber que

---

quais estimulam o consumidor a mergulhar no universo ficcional através de uma proposta de vivência que implique envolvimento direto e ativo; Extensões de marca, conteúdos que deslocam do nível simbólico para o material o envolvimento e o consumo do universo narrativo (Ver Fachine et al., 2013, p. 19-60).

<sup>23</sup> De fato, o único desdobramento de *Sessão de Terapia* é o livro, que narra alguns acontecimentos da 1ª temporada em forma de diário.

<sup>24</sup> Na era da convergência e da cultura participativa, os consumidores de mídia podem se tornar interagentes; isto é, aqueles que agem com o outro (PRIMO, 2003, p. 8).

grande parte dos interagentes da página eram mulheres, e que uma expressiva parcela era composta por profissionais da Psicologia que declararam considerar sua prática finalmente reconhecida e bem representada na televisão, enquanto avaliavam, comentavam e aprendiam com as ações de Theo. Estes mesmos terapeutas, enfim, acabavam endossando os ensinamentos da série e, em alguns casos, utilizando-a até mesmo como ferramenta de ensino.

Observaram-se as mais variadas práticas de consumo das audiências, pois algumas enunciações revelaram atrasos na programação ou a impossibilidade de acessar a obra no exterior. Comprovaram-se, ainda, algumas percepções da Análise Televisual, como o som, que recebeu muitas críticas do público. Porém, não foram encontrados elementos que indicassem a fragmentação das narrativas de acordo com os interesses dos interagentes, um sinal de que a audiência, sempre que possível, tenta cumprir com o pacto de regularidade sugerido pelo produtor-emissor. E, ao mesmo tempo em que o público demonstrou receptividade a temáticas ainda controversas, como a homossexualidade, notou-se também um certo conservadorismo no que se refere, por exemplo, à sexualidade da mulher, pois a iniciativa de Rita na relação sexual com Theo gerou incômodo em uma parte da audiência, que considerou a atitude muito ousada.

Enfim, esta interpretação das enunciações foi muito importante pois diversos comentários realçaram a capacidade de *Sessão de Terapia* de “transformar vidas”, evidenciando o que chamamos de Terapia Midiática, um processo comunicativo capaz de estabelecer uma prática terapêutica através da televisão e que envolve um produtor, um produto e sua respectiva audiência. De acordo com o público, o seriado trouxe mais entendimento sobre a vida contemporânea e fez circular um tipo de conhecimento específico através de uma estética audiovisual diferenciada, e muitos não escondem a expectativa depositada no programa em operar como uma ferramenta útil na superação de problemas pessoais. De acordo com estes interagentes, havia uma grande identificação com as personagens, e alguns, inclusive, se definiam como pacientes de Theo, reforçando o processo de imersão oferecido pela obra, que se propôs a simular uma sessão de terapia ao espectador.

### **Terapia Midiática: significações da vida entre a produção e o consumo**

Através da combinação destas duas análises, concluímos que *Sessão de Terapia* realmente inspira a criação de vínculos com sua audiência, que a consome em busca de uma catarse psicanalítica através da mídia. É um processo estabelecido por um enquadramento que propõe uma espécie de Terapia Midiática e é lido como tal pela audiência. Isso não é

exclusivo do programa, de forma que outros produtos culturais podem também servir como “terapia” para o público, capaz de se envolver de forma muito intensa com os universos ficcionais. Neste caso, isso acontece através do pacto cumprido pelos produtores, que buscam oferecer uma simulação de terapia para público, quanto pela audiência, que anseia por isso e restitui para si aquilo que consome.

Dessa forma, o seriado oferece “soluções” para conflitos internos, mesmo que não haja, necessariamente, esta pretensão, pois nota-se sempre um redirecionamento de seus espectadores para a terapia em si, e não ao mero consumo da cultura terapêutica, impactando até mesmo na demanda por profissionais da área<sup>25</sup>. Ou seja, a Terapia Midiática surge justamente das estratégias de interação propostas pela série aqui sistematizadas e dos modos como esses “jogos” são percebidos pelas audiências.

Portanto, esta análise mostra que os sentidos da série são construídos, efetivamente, nas relações e mediações estabelecidas entre a produção e o consumo. Assim, a Terapia Midiática se configura como um complexo processo de comunicação que envolve, principalmente, afeto; uma ação performática bem-sucedida, que atende à demanda de uma audiência disposta a participar desse jogo discursivo. *Sessão de Terapia* oferece palavras que tentam dar sentido aos dilemas vividos pelo público através dos processos de identificação e restituição, o que não é necessariamente ruim como podem pensar. Afinal, ouvir e se sentir ouvido, mesmo através da mídia, pode trazer um verdadeiro sentimento de bem-estar que só cabe àqueles que participam de tal interação. Se o afeto é uma energia trocada nas interações sociais, e a mídia, hoje, é parte de tal tecido, unindo tudo e a todos, só podemos concluir que a mídia tem um potencial afetivo ainda pouco explorado pelos produtores e receptores, que cada vez mais demandam por isso.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Beatriz. Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. **Matrizes**, São Paulo, v.5, n.2, 2012.

\_\_\_\_\_. Televisão e novas mídias: repensando o papel das audiências nos telejornais. **E-Compós**, Brasília, v.17, n.2, maio/ago. 2014.

BECKER, Beatriz; MACHADO, Arlindo. Pantanal: a reinvenção da telenovela. São Paulo: EDUC, 2008.

BENÍTEZ, Maria Elvira. Buraco da Lacraia: interação entre raça, classe e gênero. In: VELHO, Gilberto (Org.). **Rio de Janeiro: cultura, política e conflito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 128-155.

<sup>25</sup> Selton Mello diz que Sessão de Terapia aumentou demanda por psicólogo. Disponível em: <<http://migre.me/r8QAJ>>. Acesso em: 06 jul. 2016.



CAMPANELLA, Bruno; CASTELLANO, Mayka. Cultura terapêutica e Nova Era: comunicando a “religiosidade do self”. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v.12, n.33, p. 171-191, jan./abr. 2015.

COULDRY, Nick. **Media, society, world**. Cambridge: Polity Press, 2012.

DEUZE, Mark. **Media Life**. Cambridge: Polity Press, 2012.

FECHINE, Yvana et al. Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. In: LOPES, Maria Immacolata (Org.). **Estratégias de transmídiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 19-60.

FECHINE, Yvana; FIGUEIRÔA, Alexandre; CIRNE, Livia. Transmídiação: explorações conceituais a partir da telenovela brasileira. In: LOPES, Maria Immacolata (Org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil: plataformas, convergência, comunidades virtuais**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE FILHO, João (Org.). **Ser feliz hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

\_\_\_\_\_. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.18, n.3, p. 717-745, set./dez. 2011.

FREIRE FILHO, João; CASTELLANO, Mayka; FRAGA, Isabela. “Essa tal de sociedade não existe...”: o privado, o popular e o perito no *talk show* Casos de Família. **E-Compós**, Brasília, v.11, n.2, maio/ago. 2008.

FUREDI, Frank. **Therapy culture: cultivating vulnerability in an uncertain age**. Londres: Routledge, 2004.

ILLOUZ, Eva. **Oprah Winfrey and the glamour of misery: an essay on popular culture**. Nova York: Columbia University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. **Saving the modern soul: therapy, emotions, and the culture of self-help**. Berkeley: University of California Press, 2008.

LOPES, Maria Immacolata. A recepção transmidiática da ficção televisiva: novas questões de pesquisa. In: FREIRE FILHO, João; BORGES, Gabriela (Org.). **Estudos de televisão: diálogos Brasil-Portugal**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

MASSAROLO, João et al. Redes discursivas de fãs da série Sessão de Terapia. In: LOPES, Maria Immacolata (Org.). **Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PRIMO, Alex. Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. **Fronteiras**, São Leopoldo, v.5, n.2, p. 125-142, 2003.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.